

A PRIMAVERA DOS ÁRABES

Por Gabriela Ingrid,
Patrícia Saad,
Simone Freire
e Thiago Cara

Quem observa o mapa territorial da chamada África Branca e do conhecido Oriente Médio e acompanha, pelo menos, uma vez ao dia o noticiário, se convence de que nestas regiões há um processo, que a mídia nomeou de “efeito dominó”. Isso, porque os países que pertencem a estas regiões são vizinhos um dos outros, apresentam algumas características culturais em comum e enfrentam desde o final de 2010, manifestações populares em que milhares de cidadãos saíram às ruas para clamarem por seus direitos. O primeiro movimento popular ocorreu na Tunísia, com a deposição do ditador Zine el Abidine Ben Ali em janeiro. Fazendo limite com o território tunisiano, forças rebeldes da Líbia, que é governada pelo ditador Muammar Kadaffi, iniciaram logo depois suas manifestações e ainda passam por momentos tensos, principalmente em Benghazi, onde uma verdadeira guerra civil se instaurou com a represália das forças policiais lideradas pelo ditador contra os revoltosos.

Do outro lado de sua fronteira, o fenômeno continua. Os líbios dividem sua fronteira com o Egito, onde Hosni Mubarak foi deposto em fevereiro, após 18 dias de manifestações nas quais milhares de pessoas lotaram a praça Tahrir. Outros tantos países, como Iêmen, Arábia Saudita, Bahrein, Marrocos, Jordânia, não fugiram a regra e também enfrentaram, ou ainda enfrentam protestos civis. No entanto, ao contrário do que a grande mídia brasileira apresenta, as particularidades histórico-culturais desses países não nos permite dizer que este efeito faz parte de um processo de mudança comum a todos eles.

Na verdade, o que se pode considerar comum a todos é que esta realidade árabe possibilitou um acordo entre os críticos da imprensa brasileira: que não amadureceu, não tem comprometimento com os fatos sociais e continua pautada e influenciada pelas grandes agências de comunicação mundiais, filhas da ideologia norte-americana.

“A la brasileira” – Como já dizia Edward Said, um dos mais importantes intelectuais palestinos do último século, tudo o que sabemos sobre o Oriente foi inventado pelo Ocidente. E mais uma vez, sua máxima faz sentido. Quando, no fim do ano passado, em meio às festas de fim de ano, timidamente pipocaram notas na imprensa mundial sobre manifestações populares na Tunísia em oposição ao então presidente Zine El Abidine Ben Ali – até aquele momento no poder há mais de 20 anos – a mídia brasileira descobriu que ainda existiam ditaduras no mundo e que elas não eram venezuelanas, cubanas, iranianas, ou de qualquer outro país não alinhado com a ordem neoliberal. Como de praxe nas questões relacionadas ao Oriente Médio, conflitos entre grupos religiosos pareciam novamente ser o principal elemento da história. Mas será que todo o processo que atravessava aquele país árabe era tão simples assim de se explicar? Não demorou muito, com

2011 marca o ultimato dos povos aos regimes autoritários do Oriente Médio e norte da África; mas, ao contrário do que mostra a grande imprensa, as tensões são antigas e só dependiam de uma faísca para explodir



SE OS DEBATES FOSSEM CONSTANTES, HÁ MUITO TEMPO MAIS GENTE SABERIA QUE O EGITO É CONTROLADO POR UMA DITADURA BANCADA PELOS ESTADOS UNIDOS. COMO OUTRAS DA REGIÃO. E, POR CERTO, SURGIRIAM VOZES MOSTRANDO COMO DETERMINADOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO BRASILEIROS ATUAM COMO MEROS REPRODUTORES DA IDEOLOGIA VEICULADA PELOS CONGLOMERADOS INTERNACIONAIS DE INFORMAÇÃO

(LAURINDO LEAL FILHO)



Pessoas de todas as idades foram às ruas lutar pelo futuro de seus países

as notícias de novos levantes em países da região para se verificar que não.

Com este surgimento de revoltas que se estenderam para os outros países árabes, a mídia nacional foi obrigada a olhar para a questão mais atentamente e recolocar em seu mapa o continente africano e o Oriente Médio. A maioria dos grandes veículos de comunicação brasileiros inclusive mandaram seus correspondentes atravessarem o Mediterrâneo para cobrir os conflitos *in loco* – tendo alguns desses enviados sentido na pele o poder da repressão dos governos ditatoriais, atra-

vés de agressões físicas e até mesmo prisões –, entretanto, isso não foi suficiente para uma cobertura contextualizada dos acontecimentos. Ora, por que será que a mídia brasileira cobre tão mal as questões relacionadas aos países árabes? Por que se insiste em fechar os olhos para assuntos que pouco pesam em nossa balança comercial?

Filial norte-americana – O jornalista Igor Fuser, que trabalhou na editoria de assuntos internacionais da *Folha de S. Paulo*, aponta para como os grandes jornais brasileiros definem o que mere-

cerá destaque na edição do dia seguinte. “Não há criticidade alguma. Eles apenas se pautam no que as agências dizem ser mais importante. Assim não há perigo de destoar do concorrente”. Ainda segundo ele, tendo em vista que as três principais agências de conteúdo internacional são a *Reuters*, a *Associated Press (AP)* e a *United Press Internacional (UPI)*, todas totalmente alinhadas com a linha de pensamento norte-americano, pode-se dizer que o noticiário nacional passa quase sempre primeiro pelo crivo de aprovação de Washington, para depois poder ser servido ao público brasileiro. Assim fica claro perceber o porquê de tantos governos ditatoriais, odiados por seus povos há mais de décadas, surgirem de uma hora pra outra.

Ao seguir uma agenda noticiosa baseada nos interesses políticos e econômicos se está fadado à uma cobertura parcial e distorcida dos fatos. Segundo Fuser, “a ignorância só se revela quando ocorrem “surpresas” como a rebelião popular que derubou o governo da Tunísia e posteriormente Mubarak, no Egito”. Em sua coluna na agência *Carta Maior*, o sociólogo e jornalista, Laurindo Leal Filho, segue a mesma linha e aponta que os próprios veículos de imprensa, sempre tão favoráveis à tal liberdade de imprensa, são quem na verdade cerceiam o debate democrático sobre assuntos que não lhes interessam. “Se os debates fossem constantes, há muito tempo mais gente saberia que o Egito é controlado por uma ditadura bancada pelos Estados Unidos. Como outras da região. E, por certo, surgiriam vozes mostrando como determinados meios de comunicação brasileiros atuam como meros reprodutores da ideologia veiculada pelos conglomerados internacionais de informação”.

Na cobertura sobre os acontecimentos na Tunísia e no início das manifestações no Egito, ficou claro que a imprensa não estava preparada para um acontecimento daqueles. Ainda que com os repórteres presentes nos locais dos fatos, dialogando com os manifestantes, não se saía do senso comum. Os flashes em tempo real davam a sensação de se estar bem informado, mas as manifestações na Tunísia, por exemplo, se iniciaram em 17 de dezembro e até hoje não se sabe os processos que dividiram o povo tunisiano, qual reestruturação política está prevista no país ou quem apoiava o regime na região. E assim é também no Egito e agora na Líbia. Fala-se sobre conter o “banho de sangue”, mas não se explica o que isso quer dizer. Ninguém dá uma linha sequer sobre os interesses norte-americanos naquela região. Todos os países são colocados em um mesmo saco, desprezando-se as especificidades que culminaram nas grandes mobilizações em cada país.

Explicação ou contradição – Entender o porquê sempre se pauta o que é de interesse dos EUA não é uma tarefa difícil. Particularmente no Egito, esta constatação é evidente. Não foi difícil encontrar a receita do bolo dada pela imprensa para a o caos no país: o modelo político norte-americano. Há no mundo quem ainda clama por intervenções como se estas fossem a única solução aos países que historicamente nada tem a ver com a ideologia norte-americana. Espera-se que eles levem a democracia não só para o povo egípcio como para o restante dos povos árabes. Mas a história vem mostrar a contradição. Ora, não seria hipocrisia países como os EUA, que apoiaram essas ditaduras até pouco tempo, se tornarem contra as mesmas de uma hora pra outra, como se de repente descobrissem que apoiaram por anos regimes totalmente contrários à ideologia democrática da qual tanto dizem prezar?

O Egito é um exemplo primoroso para enxergar isso. O presidente egípcio Anwar Sadat,

“A revolução está na pele deles”

A equipe do **Contraponto** entrevistou a bailarina e coreógrafa Maria Silvana Jade Pereira, que está no Egito desde o dia 29 de janeiro.

CP – Você chegou ao Egito em plena ebulição das manifestações. Não pensou em adiar a viagem?
Jade – Não, apesar da insistência de meus amigos e familiares. Cheguei aqui no dia 29 de janeiro, no início da fase mais “negra” dos conflitos. Naquela noite, o motorista que deveria me buscar não estava no aeroporto. Os voos estavam atrasados, lotados ou cancelados e a região do aeroporto (que percorri a pé) era um “ponto estratégico” para toda a sorte de “problemas graves”.

CP – Se sentiu ameaçada de alguma forma como estrangeira no país?

Jade – Muito! Ameaçada por estar aqui, por ser estrangeira, por, ao mesmo tempo “não ser”, porque não sou branca e sou muçulmana. A maior ameaça que senti foi por conta do descaso Imprensa e Governo Brasileiro. A Presidenta, com tanto histórico de envolvimento em Luta Armada, em favor de Minorias, etc, não publicou uma linha sequer sobre isso e eu, até agora, não encontrei o telefone da Embaixada do Brasil no Egito.

CP – Como você avalia a cobertura da mídia brasileira sobre os últimos acontecimentos?

Jade – Imprensa macaqueada, esbranquiçada, islamofóbica. Mostrou “malemá” gente quebrada na rua. O que foi chamado pela Imprensa “pró-Mubarak” aí no Brasil foram os moradores que se organizaram para defender seus próprios bairros. O Presidente Mubarak abriu as portas das cadeias para causar um caos e tudo parecer “ruim com ele, pior sem ele” e o povo foi pra rua. Todas as noites, eles se organizavam em grupos armados e passavam a noite na rua. Paravam os carros, pediam documentos, prendiam bandidos que foram soltos, entregavam para a polícia. O Exército e a polícia, mesmo estando em lados opostos, juntamente com a “Segurança Informal”, se respeitavam, se cumprimentavam e até mesmo as “revistas” acabavam em sorrisos e bênçãos. Cada um fez a sua parte. O Mubarak também infiltrou policiais. Alguns foram presos pela Segurança Informal e, pelos documentos, descobertos como “cães de aluguel”. Muita gente se descontrolou, continua descontrolada mas as baixas foram pouquíssimas, quase que acidentais, perto do que poderia ser porque eles são, soldados, policiais e seguranças, egípcios e, de acordo com sua cultura, são irmãos antes de mais nada. Esta natureza deles pesou e ainda pesa, muito, no processo todo.

CP – E a mídia local, como tratou do conflito e os que estão acontecendo na região?

Jade – Não entendo o árabe clássico que usam na TV, mas houve algumas mesas redondas e entrevistas em Inglês na TV aberta. Fiquei muito invejosa, sinceramente, de como eles conduzem as coisas, sem papas na língua.

CP – Como foi ver a renúncia de Mubarak?

Jade – Estava em casa, estudando e a cidade toda na frente da TV, aguardando que o “Faraó Mubarak” dissesse alguma coisa que se esperasse ouvir. O Faraó estava no seu terceiro *dead line* e não arredava o pé. De repente, “Allahu Akbar! Allahu Akbar!” (“Deus é Maior! Deus é Maior!) e palmas... depois, fogos, depois, buzinas, tudo começou ao mesmo tempo e eu comecei a correr pela casa, procurando sei lá o que! Liguei a TV. O Presidente Mubarak acabara de anunciar que deixava o cargo. E a Revolução está na pele deles, no dia-a-dia deles. Eu fui duas vezes à Praça Tahrir, nas duas, senti coisas que não têm nome e também emoção, tristeza, medo, felicidade, orgulho... Vi o Memorial que improvisaram para os Mortos. Meninos. Meninos que deram suas vidas para mudar o mundo, pessoas rezando, pessoas fazendo música, celebrando, reconstruindo a cidade com suas próprias mãos, pintando as ruas, recolhendo o lixo. Foi uma coisa muito bonita de se ver. Um privilégio estar aqui.

sucessor de Gamal Abdel Nasser, responsável por reformas importantes no País, como por exemplo, a estatização do Canal de Suez, em 1954; após suscetíveis derrotas em conflitos armados contra Israel, inimigo público dos países árabes, aceitou assinar o acordo de Camp David, em 1978, no qual, com intervenção dos EUA, reconhecia a existência do Estado israelita. A insatisfação dentro e fora do Egito foi instantânea, tanto que em 1981, Sadat foi morto a tiros durante uma parada militar pelo tenente Khalid Islambouli integrante de uma organização guerrilheira egípcia. Hosni



Reprodução

Mubarak assume, então, o poder e dá continuidade ao pacto do trio EUA, Egito e Israel. Não é à toa que o Egito recebeu durante anos mais de US\$ 1 bilhão por ano do governo norte-americano.

Sendo assim, em um momento marcante da história na região tida como a mais antiga no planeta, em que em pleno século XXI a população consegue forças pra ir às ruas e lutar, a ausência das contradições dos fatos na imprensa deve ser denunciada por cada um que vê na informação um poder emancipador.